

A QUERELA DO LATIM

Vem de longe a questão do ensino do Latim, e as suas vicissitudes condensam e exprimem, em boa parte, as peripécias da Escola ocidental, ao longo da sua história. Veículo de valores tradicionais, proposta de regras, usos e referências, a sua continuidade e permanência depende hoje não tanto de um dinamismo de intervenção/transformação (que não possui, nem, em boa consciência, alguém pode ter a pretensão de oferecer), mas do confronto/diálogo assumido e construído frente à mutabilidade do quotidiano e do reconhecimento da sua função ancilar no entender e transformar desse mesmo quotidiano. Se a sua função não é de intervenção directa, também não pode ser de imobilismo ou conservantismo. Nem de conteúdos nem de metodologias. Lívio Andronico não pretenderia certamente estar na origem dos amargos de boca causados a Horácio pelo seu continuador de profissão, Orbílio. Mas este forçosamente nunca os poderia evitar porque lhe faltava a criatividade do primeiro. Por outro lado, de pouco valerá denunciar os "atentados" contra a cultura tradicional quando os "bárbaros" já se apossaram da Cidade, e não há resgate a oferecer. Não interessarão igualmente convênios, feitos de boa ou má consciência entre ambas as partes, quando apenas há a pretensão de evitar conflitos e fricções; a solução, por honrosa que fosse, desapareceria logo que o lamento da vítima se confundisse com o estretor dos demais condenados.

Nos últimos anos, multiplicaram-se na Europa (Inglaterra, França, Espanha, nomeadamente) experiências no campo da metodologia do ensino do Latim. Procurou-se responder às novas preocupações culturais com a humildade e o sentido de responsabilidades que cabem à Escola. Integrando o ensino de uma língua de cultura (hoje mais exclusivamente que em tempos passados) na metodologia específica das línguas de comunicação, sem esquecer as diferenças. Ultrapassando, sem os rejeitar, modelos de análise de antes ao assumir outros.

O balanço final de tais iniciativas é positivo nos mais variados aspectos. Testemunho disso são os três artigos aparecidos recentemente no insuspeito *Le Monde de l'Éducation* e divulgados entre nós pelo *Jornal da Educação* (Fevereiro de 1980). Aqui os reproduzimos, com a devida vênias, propondo-os à consideração dos nossos leitores. Sejam ou não já conhecidos de outras fontes, poderão servir certamente como ponto de partida para uma reflexão comum no momento em que se anunciam projectos de alteração nos mais diferentes sectores do ensino.

A. N.

1) O fim de um privilégio

Claude Lemie

«Fale Francês, se quer que lhe responda!». O papeleiro do século XVI, que respondeu assim às recriminações — em Latim — sobre a qualidade dos seus artigos, foi citado perante o Parlamento pelo cliente, o reitor da Universidade de Paris. Mas, na época da «Pléiade», o Latim já não era uma língua de comunicação. Graças à descoberta da Imprensa, tinham começado a difundir-se em larga escala os primeiros léxicos Latim-Francês, seguidos das primeiras traduções das grandes obras antigas. O decreto de Villers-Cotterêts, em 1539, imporia o emprego do Francês nos actos administrativos e judiciais. Se, em Paris, a Universidade considerava obrigatório ensinar exclusivamente em Latim, na província (em Montpellier e, depois, em Lyon) os estudos médicos começaram a recorrer ao Francês, como alguns dos mais ilustres professores do Colégio das Três Línguas, futuro Colégio da França.

A evolução seria, porém, longa. No século XVII, o Latim ainda era a língua do ensino, enquanto recuava na literatura (onde ainda mantém um lugar importante). Em 1643, oratorianos e jansenistas começaram a escrever gramáticas de Francês, mas os jesuítas permaneciam fiéis ao emprego do Latim no ensino. Para o final do século, admitiram, todavia, que se podia recorrer ao Francês para explicar os autores latinos nas classes pequenas.

Mas, no início do século XVIII, a tentativa de Jean-Baptiste de La Salle para criar ensinamentos sem Latim revelava a evolução dos espíritos. O movimento assumiu amplitude e encontrou o seu pleno desenvolvimento sob a Revolução. Alimentados de Antiguidade Clássica e inspirados pelo ideal republicano romano, os revolucionários mostravam-se, contudo, hostis ao Latim, muito ligado nos espíritos ao sis-

tema escolar do antigo regime. Nas grandes escolas e nas escolas centrais (antepassadas dos liceus), o ensino era dispensado em Francês; o Latim não passava de uma matéria entre outras.

Essa opção não seria posta em causa. Bonaparte alargaria notavelmente o lugar reservado ao estudo do Latim — aliás associado à Matemática, pelo decreto de 1802 —, no ensino dos liceus. Mas o desenvolvimento do ensino primário público, a partir da monarquia de Julho, retardaria o seu início. Em 1880, Jules Ferry impeliu-o oficialmente para a aula da sexta classe (e o do Grego até à quarta). No Segundo Império, Victor Duruy, ministro da Instrução Pública, criou um ensino secundário (dito especial) sem Latim; e, a partir de 1902, coexistiriam nos liceus um ensino «clássico» (com Latim e, eventualmente, Grego) e outro «moderno» (sem línguas antigas).

Esta organização não se modificaria até 1969, apesar das reformas do ensino, mas o horário atribuído ao Latim nos estudos secundários seria reduzido. Por outro lado, só se verificava nos liceus, durante muito tempo pagos, e portanto reservados à burguesia e a alguns bolsеiros e não nos cursos complementares. Isto contribuiu para limitar o seu desenvolvimento e reforçar a sua «imagem de marca» elitista. O Latim, como hoje a Matemática, servia na realidade para seleccionar a elite escolar. Após a Segunda Guerra Mundial, a luta pela democratização concluiu-se à sua custa. Em 1959, o Latim foi suprimido do primeiro trimestre da sexta classe, tornado trimestre de observação. Dez anos mais tarde, dar-se-ia o salto: o estudo só principiaria na quarta. Em 1979, finalmente, a supressão de uma hora no horário apagaria o último traço que conferia a esse ensino um lugar à parte.

2) A renovação das línguas antigas

Claude Lomte

Alunos cada vez mais numerosos que escolhem o estudo do Latim, por vezes, do Grego, no primeiro ciclo secundário, numerosos estudantes que frequentam cursos de iniciação no Ensino Superior, uma renovação pedagógica, associações regionais em que se instaura um diálogo entre professores do Ensino Secundário e do Superior ao lado das «sociedades» de especialistas, que, também elas, vêem os seus efectivos aumentarem. As línguas antigas singrarão de novo de vento em popa? Em 1978-79, contavam-se 229 000 latinistas na quarta e terceira (23 por cento dos alunos), em vez de 200 000 (20 por cento) em 1972-73, e 14 300 helenistas (1,4 por cento), em vez de 8500 em 1972-73 (menos de 1 por cento). O Latim atrai hoje, na quarta, mais alunos que o Inglês como segunda língua e o Grego ultrapassa o Russo (1).

No Ensino Superior, se o número de estudantes «especialistas» é muito baixo, estes revelam-se em geral de bom nível. Por outro lado, um número muito importante de «não-especialistas» desejam estudar as línguas antigas: não só aqueles para os quais esse estudo é obrigatório, como os candidatos a uma licenciatura de letras modernas, mas também os estudantes de línguas romanas, história ou filosofia.

Uma predilecção pela história

A que se deve essa progressão das línguas antigas, cujo estudo já não proporciona vantagens escolares? Para a inspecção geral das letras, é essa «gratuidade» que atrai os alunos. «O estudo da Antiguidade Clássica, simultaneamente próxima e distante, oferece à reflexão princípios facilmente acessíveis, obrigando a tomar balanço», afirma Jean Plaud, inspector-geral. É o que constitui para ele o «valor formativo» desse ensino. René Martin, professor na Universidade de Lille-III e presidente da Associação dos Professores de Línguas Antigas do Ensino Superior (2), vai mais longe. Para ele, é o carácter paradoxal do estudo do mundo antigo, ao mesmo tempo tão próximo e tão diferente de nós, que faz o seu atractivo. Pode também pensar-se que a predilecção actual do público pela história intervém igualmente a favor da Antiguidade e dessas línguas.

Os especialistas estão hoje de acordo em reconhecer os erros do passado, pelo menos no plano do ensino. Jean Demoule, presidente da Associação dos Professores de Letras ex-Franco Antiga, critica simultaneamente os programas mais adaptados aos rapazes que às raparigas e os métodos pedagógicos. Mas, nesse aspecto, surgem há alguns anos novas tentativas.

Lança-se uma olhadela aos exercícios tradicionais; faz-se do Latim e do Grego laboratório de línguas; utiliza-se o ordenador para estabelecer progressões gramaticais; recorre-se aos métodos audiovisuais das línguas vivas. Falta ainda o recuo para avaliar os resultados. Mas o desejo de comparar as experiências favoreceu a criação de novas associações de professores numa base regional, que são, ao mesmo tempo, local de pesquisa e elo, por intermédio de boletins, entre os professores. Por vezes, também um grupo de pressão: já se viu uma associação regional publicar uma «lista negra» de todos os estabelecimentos onde não se faz a iniciação ao Latim na quinta classe.

Esses grupos difundem igualmente os trabalhos universitários: novos métodos de explicação dos textos, aplicações da linguística às línguas antigas, concepções pluridisciplinares. Também no Ensino Superior a investigação, sobretudo com base na publicação de edições ou traduções, se orienta para rumos novos: linguística, patristica ou estudos latinos medievais. Várias iniciativas das associações regionais, destinadas ao «exterior», como cursos públicos ou ensinios por correspondência (do Grego), conheceram certo êxito.

As associações não se consideram, porém, totalmente satisfeitas. A preocupação mais grave provém do número de desistências na segunda classe. No segundo ciclo, já só se contam 78 100 latinistas (ou seja, cerca de 14 por cento, dos alunos das secções «gerais») e menos de 7900 helenistas. As desistências são frequentes sobretudo entre os alunos da série científica C: como não figura no bacharelato entre as matérias do «primeiro grupo» de provas, o latim não é «compensador» para eles. Por conseguinte, o inspector-geral Plaud, por exemplo, deseja que a separação entre as secções científicas e literárias seja reduzida. A outra reivindicação dos latinistas incide na «iniciação ao Latim» obrigatória na quinta classe, a qual não é assegurada em toda a parte satisfatoriamente, por falta de professores capazes de o fazer. As universidades tentaram criar ensinios de reciclagem para os professores de colégio e os certificados de letras modernas. Mas o número e diversidade dos sectores em que se ensinam as línguas antigas no ensino superior levantam difíceis problemas de enquadramento: para a criação de lugares, só se tomam em consideração estudantes especializados em letras clássicas.

(1) — As proporções são comparáveis no ensino particular: 66 600 latinistas (25 por cento) e 3680 helenistas (1,4 por cento) no primeiro ciclo, em 1978-79.

(2) — APLAES: René Martin, 118, avenue Saint-Exupéry, 92160, Antony.

3) Vamos estudar Latim?

Jacques Cellard

O grego ainda vá que não vá, se se quiser «fazer medicina», para triunfar com facilidade dos companheiros as-sobrebados pelas cefaleias, algias, me-norreias e todo esse arrazoado mais grego que francês. Mas o Latim?

Estudá-lo, porque o pai, o avô e todos os meus antepassados o fizeram desde o século XV? Houve, e decerto ainda há, na Alemanha, espécies de árvores genealógicas de músicos, em Inglaterra, linhagens de jogadores de golfe, caçadores a cavalo ou tocadores de gaita de foles. O Latim, pela hereditariade, a hereditariade pelo Latim — isto parece mais razoável, atendendo ao pouco que sabemos da maneira de conduzir uma educação. Mas há alguns decénios que o coração já não se concentra nisso. E, a menos que se atribua às linhagens de latinistas uma fecundidade excepcional e uma submissão cega aos precedentes familiares, chega um dia em que nos voltamos para o Grego: um ensino que já só tem para razão de ser perpetuar-se em si mesmo. Há, pois, que procurar outra coisa.

Estudar (ou fazer estudar) Latim mais pelas suas virtudes disciplinares do que pelas virtudes de disciplina — que é isso? Não está mal observado. No entanto, o Latim não contém em si coisa alguma que atraia a fêrula ou o passo de ganso. Os bons pais e os preceptores que o ensinaram até ao fim do século XVIII, formavam mais latinistas amáveis alimentados de Virgílio e Horácio. A militarização imperial utilizou-o, da mesma forma que o rufar de tambores dos liceus, como uma máquina rude disciplinadora. Mas o exemplo do Latim dito de «grandes debutantes» ou «acelerado» prova que a aprendizagem mecânica das declinações e conjugações não representa o único caminho possível nem, sem dúvida, o melhor para ter acesso ao domínio de uma língua antiga. O Latim como «adestramento» teve a sua época.

A guerra das Gálias

O Latim histórico, nesse caso? Penetrar nos segredos de Cícero, entrar no Senado para assistir à aparição de Catilina, viver a guerra das Gálias junto de César? Ora!... Uma boa tradução, com mapas e imagens, proporciona o mesmo efeito.

Posto de lado tudo isto, não se des-cortinam razões válidas para estudar Latim, além da sua virtude, verdadei-



ra ou suposta, de levar a uma melhor utilização das línguas românicas. Mas trata-se de estudar Latim para melhorar o vocabulário e a ortografia do aluno? Fazer-lhe compreender a razão das letras duplas de *affadir*, *commentaire* ou *annoncer*? E as combinações ainda mais bizarras de *ascension* ou *ressusciter*? Seria um objetivo defensável se utilizasse o vocabulário sistemático na aula de Latim. Mas é a menor das preocupações do professor de Latim clássico.

E, de qualquer modo, resultaria verdadeiramente excessivo ensinar uma língua morta para apenas obter os benefícios de uma iniciação às estruturas do vocabulário de uma língua viva. Fazer estudar Latim para aperfeiçoar a ortografia dos nossos filhos, equivaleria, sem dúvida, a perder nos dois campos. Uma olhadela séria lançada, na aula de Francês, aos mecanismos léxicos do Latim proporcionaria os mesmos resultados, com muito menos trabalho.

Resta, portanto, no activo do Latim apenas a sua capacidade para estruturar a frase francesa, incultir-lhe, por imitação — e, em última análise, por uma espécie de osmose — as qualidades de ordem, concisão e elegância do modelo latino. Por velha e vulgar que seja esta defesa, torna-se muito difícil justificá-la. A frase latina é metódica, económica, vigorosa e com frequência harmoniosa, porém as suas qualidades exercem-se no interior de uma língua muito diferente do Francês: um sistema de signos precisos, mas breves, que se correspondem e entrelaçam para tornar o texto latino num enigma policial, estimulante ou repelente, consoante o aluno.

É precisamente a dificuldade de adaptar uma estrutura francesa a uma estrutura latina que converte a versão latina num exercício tão decepcionante. Quem tem de corrigir em série esse género de exercícios está vacinado, de

uma vez para sempre, contra a ideia de que «estudar Latim é aprender a estudar as línguas dele derivadas».

Quanto a tentar pesar, nas prosas francesas ilustradas, a parte que compete ao «fundo» latino, é um empreendimento mal assegurado. Ao longo dos séculos, o Latim era inevitável, e nada prova que os melhores latinistas fossem os melhores escritores. E um dos prosadores mais admiráveis do Francês, Jean-Jacques Rousseau, nunca o estudou.

Temos, sem dúvida, de nos resignar: atendendo ao tempo de escolaridade que exige, a aprendizagem do Latim não tem qualquer razão de ser ou justificação precisa. Nem mesmo, o que é um cúmulo, a satisfação egoísta e gratuita de o saber o suficiente para apreciar completamente, sem intermediário, as belezas diversas e indiscutíveis da literatura latina. A esmagadora maioria dos bacharéis de hoje são incapazes de «ler» Latim no texto.

E, não obstante, se o Latim «serve para alguma coisa», essa alguma coisa é constituída precisamente por parcelas das razões más ou mediocres pelas quais, como a rotina não basta, justificamos que uma criança de hoje ainda o aprenda.

Vamos por partes: a tradição. Em vez de manter uma tradição de família, encontrar a de toda a «sociedade» europeia desde séculos. De disciplina: pobre de meios de expressão, o Latim não tolera o pouco mais ou menos nem a vagabundagem de espírito. A frase latina deve ser explorada até à medula para «entregar» todo o seu sentido.

Parcelas de história, também. Se os faustos e os dramas do imenso empreendimento romano alimentaram o Ocidente durante vinte séculos, como poderá deixar de se sentir fascinado, ainda hoje, o adolescente pela amplitude das imagens e reflexões suscitadas pela companhia de Cícero, Lucrécio ou Tácito?

Se o Latim exercesse uma influência directa e discernível sobre a qualidade de redacção de uma dissertação ou, mais tarde, de um relatório, o facto constaria, e os latinistas pontificariam no mercado do trabalho. Mas os hábitos de paciência, rigor e preocupação pelo pormenor indispensáveis para triunfar em Latim, voltam a encontrar-se no Francês. É porventura excessivo afirmar que a versão latina ensina a «ler» um pensamento complexo. Mas trata-se igualmente de uma parcela de utilidade do Latim, e dez parcelas de razões podem constituir uma inteira.